

RIBEIRINHOS DE JUAZEIRO (BA) E PETROLINA (PE): UM OLHAR SOBRE A RIQUEZA DO ARTESANATO LOCAL

CHELLY COSTA SOUZA¹

NAIRA BRANDÃO²

DANIEL CARLOS P. DE OLIVEIRA³

BRUNO FREITAS NEIVA⁴

Resumo

O Vale do São Francisco apresenta um patrimônio natural e cultural diversificado. Tal diversidade está relacionada às diferentes manifestações culturais existentes na região, o que acaba gerando uma inter-relação com a sociedade, o trabalho e o meio ambiente. O artesanato produzido na região representa uma marca identitária da cultura dessas comunidades. As carrancas - artesanato típico local - por exemplo, apesar de já terem passado por transformações e ter tido uma maior representatividade no passado, continuam a expressar a cultura popular regional. Diante desse cenário, se insere o presente artigo, cujo foco de estudo se refere à produção artesanal feita nas cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), situado no submédio São Francisco. Embora a produção artesanal seja uma forma de sobrevivência de muitas comunidades brasileiras, em tais localidades, essa produção ainda acontece de forma incipiente, sem de fato contribuir para a geração de emprego e renda, acontecendo como forma de subsistência. A abordagem aqui apresentada foi realizada atra-

vés de levantamento bibliográfico. Como conclusão parcial, a pesquisa indicou que o artesanato se configura como importante expressão da cultura local e significa um meio de manutenção e preservação da arte, além de ter o potencial de ser um vetor de transformações para a comunidade a partir da geração de emprego e renda. Entretanto, para que isso aconteça é necessário maior atenção por parte do poder público no sentido de implementar políticas

públicas efetivas que contemple os ribeirinhos. É importante destacar que esse estudo se encontra inserido no Projeto de Pesquisa Rio São Francisco: cultura, identidade e desenvolvimento do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano – PPDRU - Universidade Salvador – UNIFACS.

Palavras-chave: Vale do São Francisco; Artesanato; Carrancas. Juazeiro (BA); Petrolina (PE).

¹ Mestre em Análise Regional e Bacharel em Turismo pela Universidade Salvador (UNIFACS). Membro do GPTURIS (Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente) do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador — PPDRU e Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Curso Técnico em Turismo e Hotelaria – Campus Uruçuca/Bahia. E-mail: chellycsouza@yahoo.com.br.

² Bacharel em Turismo pela Universidade Salvador (UNIFACS). Ex-bolsista de Iniciação Científica e Membro do GPTURIS (Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente) do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador — PPDRU. E-mail: nairabrandao@gmail.com

³ Especialista em Docência do Ensino Superior e Geógrafo com formação pela Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Curso Técnico em Turismo e Hotelaria – Campus Uruçuca/Bahia. E-mail: dancarlos81@yahoo.com.br

⁴ Bacharelado em Economia pela Universidade Salvador (UNIFACS). Bolsista de Iniciação Científica - FAPESB. Membro do GPTURIS (Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente) do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano - PPDRU da Universidade Salvador. E-mail: bruno_freitas_neiva@hotmail.com

Resumen

El Vale do São Francisco presenta un patrimonio natural y cultural diversificado. Esta diversidad está relacionada a las diferentes manifestaciones culturales existentes en la región, lo que acaba generando una interrelación con la sociedad, el trabajo y el medio ambiente. La artesanía producida en la región representa una marca identitaria de la cultura de esas comunidades. Las gárgolas (artesanía típica de la localidad) por ejemplo, a pesar de haber pasado por los cambios y tener una mayor representatividad en el pasado, siguen expresando la cultura popular regional. Delante de este escenario, se encuentra el presente artículo, cuyo estudio se refiere a la producción artesanal producida en las ciudades de Juazeiro (BA) y Petrolina (PE), situado en el submedio y el bajo São Francisco. Mientras la producción artesanal es una forma de sobrevivencia de muchas comunidades brasileñas en tales localidades esa producción todavía ocurre de manera incipiente, sin de hecho contribuir para la generación de empleo y renta, ocurriendo como forma de subsistencia. El abordaje aquí presentado ha sido realizado a través de recolección bibliográfica. Como conclusión parcial, la pesquisa ha indicado que la artesanía se configura como importante expresión de la cultura local y significa un medio de manutención y preservación del arte, además de poseer el potencial de ser un vector de transformaciones para la comunidad a partir de la generación de empleo y renta. Mientras, para que eso ocurra es necesario mayor atención por parte del poder público en el sentido de implementar políticas públicas efectivas que contemple los ribereños. Es importante destacar que ese estudio se encuentra en fase inicial y está inserido en el Proyecto de Pesquisa Rio São Francisco: cultura, identidad y desarrollo del Programa de Posgrado en Desenvolvimento Regional e Urbano – PPDRU – Universidade Salvador – UNIFACS.

Palabras-claves: Vale do São Francisco. Artesanía. Carrancas. Juazeiro (BA). Petrolina (PE).

JEL: R1; R11

1 Introdução

O Rio São Francisco nasce na Serra da Canastra (MG), na Chapada da Zagaia, no município de São Roque de Minas, na região Sudeste do Estado. Percorre 2.700 km desde as suas nascentes até sua foz, na divisa de Sergipe e Alagoas, onde apenas 1.520 km são navegáveis. Ao longo desse percurso, o rio banha cinco estados brasileiros: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Sua bacia que abrange 640 mil km² (7,5% do território nacional) alcança também o Estado de Goiás e o Distrito Federal. É a terceira maior bacia hidrográfica do Brasil e a única totalmente brasileira (BRASIL, 2004; FILHO, 2005; BAHIA, 2006).

Em toda a bacia sanfranciscana vivem cerca de 13 milhões de habitantes que representam 10% da população brasileira, beneficiando assim, cerca de 503 municípios brasileiros, dos quais 117 estão concentrados no Estado da Bahia.

O Vale do Rio São Francisco está dividido em quatro setores ou cursos: o Alto São Francisco – que segue da nascente até a cidade de Pirapora em Minas Gerais; o Médio – abrange o trecho entre a cidade de Pirapora até a cidade de Remanso na Bahia; o Sub-médio que compreende da cidade de Remanso até a cidade de Paulo Afonso (BA) e o Baixo São Francisco vai de Paulo Afonso até a Foz entre os estados de Alagoas e Sergipe. Na sua longa trajetória atravessa três grandes e importantes biomas: o Cerrado, a Caatinga e a Mata Atlântica.

Como objeto de pesquisa será adotado nesse artigo, o artesanato produzido nas cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE). Tais cidades se constituem no pólo das “carrancas” (tipo de artesanato esculpido em madeira ou em barro), figuras do artesanato regional, metade homem metade animal, que acompanham

antigas embarcações do São Francisco, visando protegê-las. Essas “carrancas”, como ficaram conhecidas, são produzidas, sobretudo, neste trecho do rio e expressam a identidade do vale transformando-se em símbolo da região (SOUZA; CALDAS, 2008).

O artesanato pode significar um importante instrumento de desenvolvimento, já que em determinadas regiões do país, causa impacto econômico, através da demanda do mercado, da geração de ocupação e renda e do aproveitamento dos recursos naturais de forma equilibrada. Além de gerar renda, a atividade ajuda a preservar as tradições locais e a fortalecer o sentimento de pertencimento.

Buscando compreender de que maneira a arte, mais especificamente a produção artesanal atua e pode contribuir para a promoção do desenvolvimento de uma comunidade é que está inserida a presente proposta.

Em termos metodológicos adotou-se a pesquisa exploratória de caráter bibliográfico. Em linhas gerais, esse artigo se divide da seguinte forma: Introdução; Caracterização dos municípios de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE); A História do artesanato; O artesanato no Vale do São Francisco: um olhar para as “carrancas”; O artesanato no contexto socioeconômico e as Considerações finais.

Essa divisão buscou reunir de modo claro e preciso os elementos que tratam da produção artesanal no Vale do São Francisco, de forma a privilegiar essa atividade e cultura regional.

2 Caracterização dos municípios de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE)

A cidade de Juazeiro localiza-se no norte do estado da Bahia. Está situada a 500 km da capital baiana Salvador. Faz divisa com o estado de Pernambuco e também é considerada a quarta maior cidade do estado da Bahia. O acesso a partir de Salva-

“ *Petrolina tem a 7ª maior economia do estado, está entre as 15 melhores rendas per capita e é considerada o 5º melhor Índice de Desenvolvimento Humano - IDH do Estado. Além disso, segundo os especialistas representa a 7ª cidade em importância para o estado.* ”

dor é efetuado pelas rodovias pavimentadas BR-324, BR-116 e BR-407.

Atualmente é um dos grandes centros de desenvolvimento da fruticultura irrigada com destaques para os cultivos de manga, melão, melancia e uva para exportação, respondendo por 90% das exportações nacionais. Isso acontece devido a sua privilegiada localização geográfica o que, também, vem favorecendo a produção de vinhos (o que tem tornado a região do São Francisco referência por sua alta qualidade na produção).

Em Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), a predominância da arte é uma realidade. As carrancas, por exemplo, significam um símbolo da região, jamais visto em outro lugar e é, a principal peça produzida na região. Esse tipo de artesanato demonstra a tradição, crenças, identidade e história das comunidades ribeirinhas. Porém, apesar do artesanato ser uma realidade na região, o que se evidencia é que essa atividade acontece como forma de subsistência, sem de fato promover mudanças para a economia da localidade.

Também é evidente nas cidades de Juazeiro e Petrolina (PE) a vocação para desenvolver o turismo de forma profissional. Particularmente, o enoturismo; o turismo cultural e o turismo rural são segmentos potenciais na região. Inclusive, nesses lugares, já estão consagrados a Rota da Uva e do Vinho, no qual tem o cultivo da uva associado a produção de vinhos de mesa e sucos com especialidades. Porém, ao abordar o campo do turismo, o mesmo ainda é explorado de forma tímida, sem de fato produzir retornos efetivos no que se refere aos fatores econômicos.

Entretanto, já há alguns investimentos por parte dos poderes públicos (Bahia e Pernambuco), no sentido de fortalecer o Enoturismo na região. A região do São Francisco apresenta uma característica peculiar que é o fato de sua safra acontecer por até duas vezes ao ano. Isso acontece por conta do clima seco e a irrigação. Esses fatores proporcionam a região, um diferencial e uma vantagem competitiva, tornando-a 2ª maior produtora de vinhos do país.

Já a cidade de Petrolina (PE) situada no estado de Pernambuco e vizinha do município de Juazeiro (BA) também apresenta características similares e apresenta uma dinâmica muito grande. Em conjunto com Juazeiro, na Bahia forma o maior aglomerado urbano do semi-árido.

Petrolina tem a 7ª maior economia do estado, está entre as 15 melhores rendas *per capita* e é considerada o 5º melhor Índice de Desenvolvimento Humano - IDH do Estado. Além disso, segundo os especialistas representa a 7ª cidade em importância para o estado.

A área municipal ocupa 4.737,1 km, correspondendo a 4,81 % do Estado de Pernambuco. Petrolina, sede do município, está a 722 km da capital (Recife) e seu acesso é realizado pela BR-232/110.

As políticas de incentivo aplicadas nas últimas décadas tornaram a região um celeiro de frutas tropicais, que são exportadas para as princi-

pais regiões do país e também para a América do Norte, o continente Europeu e também o Sudeste Asiático, particularmente o Japão.

A sua situação geoeconômica é reflexo do impulso proporcionado a economia pela fruticultura irrigada, além do dinamismo do setor terciário, comércio e serviços que atende as demandas dos municípios da mesoregião.

Além da agricultura irrigada e da produção de vinhos, o município de Petrolina também se destaca pela inserção do turismo de negócios e pela produção do artesanato, onde ganha evidência a produção das carrancas, tipicamente, produzidos em Juazeiro (BA) e Petrolina (PE).

Assim, com essas características, é notório a significância no âmbito regional que a cidade desenvolve como um pólo gerador de emprego e renda.

3 A História do artesanato

A arte é uma das manifestações culturais mais antigas. Através de suas criações, o homem expressa sua vivência, seu imaginário, seus sentimentos, dando forma ao seu pensamento. Segundo Almeida (1980, p. 54), “a necessidade de criar é inerente ao homem. Ela acontece naturalmente e não pode ser detida”. O homem ao criar, expressa a sua necessidade do agir e do ser.

Esta necessidade de expressão permite ao homem não apenas manifestar seus desejos e sonhos, mas, também, garantir sua sobrevivência. Contribuiu e contribui até hoje: primeiro, como uma forma de valorização da identidade cultural e segundo, como geração de emprego e renda.

Dentro do universo de cultura popular brasileira, o artesanato ganha destaque, pois constitui uma técnica milenar, que envolve o trabalho de milhares de comunidades tradicionais.

O conceito de arte adotado neste artigo significa “processo, técnica de artesão ou de artista-artesão, vale dizer tratamento que as criaturas

mais simples dos agrupamentos humanos dão à matéria bruta visando a um fim utilitário, comercial, artístico e recreativo” (MIRANDOLA, 1976, p. 4).

Nesse momento, se analisa o artesanato, suas características e as questões que envolvem este tema. Esta análise se realizará considerando o artesanato como forma de expressão de um povo, além de uma forma de preservar, mostrar e difundir a cultura de uma comunidade. Neste aspecto, a arte também representa a identidade das pessoas.

Falar em artesanato implica olhar o passado, examinar as tradições, avaliar a cultura e o desenvolvimento social de um povo. Ao longo da história, o artesanato serviu de embrião para o comércio, a indústria, a ciência e para o florescimento das comunidades (MOREIRA, 2001).

A história do artesanato está presente no cotidiano do ser humano desde o período neolítico – 6.000 A. C. (CHITI, 2003 apud MARINHO, 2007). Surgiu por uma necessidade do homem de sobrevivência como a de se alimentar, se proteger, se vestir e até mesmo se expressar.

No princípio, a produção era apenas para suprir as necessidades básicas e a demanda local. Posteriormente, o artesanato passa a fazer parte do mundo do trabalho, assumindo diferentes conotações, desde o período da Pré-história até os dias atuais. (CARDOSO, 2003 apud MARINHO, 2007). A partir daí, começa a surgir um mecanismo de troca de mercadorias, através do qual, a economia passa a ser estimulada e ao mesmo tempo habilidades técnicas e criativas vão sendo desenvolvidas. Nesse momento, a função do artesão ganha outra dimensão, surgindo a necessidade desse artista de dominar todo o processo produtivo que vai da elaboração da peça ao seu acabamento, incluindo a sua comercialização.

Na atualidade, os estudiosos do assunto definem artesanato como sendo um objeto, fruto de um trabalho predominantemente manual, fei-

to com a ajuda de ferramentas simples ou máquinas rudimentares, que se baseia em uma temática popular, utilizando a matéria-prima local ou regional.

Neste artigo adota-se a definição de Lima anteriormente referenciado, que se refere ao artesanato como:

[...] produtos do fazer humano em que o emprego de equipamentos e máquinas, quando e se ocorre, é subsidiário à vontade de seu criador que, para fazê-lo, utiliza basicamente as mãos. Nesse sentido, diríamos que o objeto artesanal é definido por uma dupla condição: primeiro, o fato de que seu processo de produção é em essência manual. São as mãos que executam basicamente todo o trabalho. Segundo: a liberdade do artesão para definir o ritmo da produção, a matéria-prima e a tecnologia que irá empregar a forma que pretende dar ao objeto, produto de sua criação, de seu saber, de sua cultura. (LIMA, 2005, p. 13-14).

Já Pereira [195?], pesquisador desta temática, discorre em diferentes trabalhos sobre as questões que envolvem o assunto, chamando a atenção sobre a dificuldade em conceituá-lo, pois o termo é vago e impreciso.

No cenário atual, apesar da criação de tais expressões, o autor deixa claro que, o artesanato não representa apenas estratégias de sobrevivência de grupos sociais frente ao mundo globalizado, mas significa a cultura material, a forma de conservação e preservação da arte popular de comunidades tradicionais.

Dentro das relações de mercado, é importante que o objeto artesanal não seja entendido apenas como produto e sim como um produto peculiar no qual a dimensão cultural está intrinsecamente ligada ao objeto. Ou seja, o artesanato sempre estará agregando valor cultural e social.

O valor cultural, no entendimento de Reis (2007) é composto por uma multiplicidade de fatores. Já o valor social corresponde ao valor que um determinado grupo dá a um bem. Isso pode ser verificado através das

“*De acordo com Pereira (1979), o artesanato pode ser feito em qualquer lugar e em qualquer tempo. Além disso, o artesanato tem o dom de proporcionar mais emprego e produção...*”

crenças, modo de pensar e na identidade desse povo. Para Reis (2007, p. 22), conforme o nome sugere, “o valor social que é atribuído a determinados produtos e serviços não segue necessariamente noções individuais ou institucionais, mas é influenciado pelas lentes da sociedade”.

Abordando o artesanato no campo da economia, volta-se para as vantagens que o mesmo promove, como: geração de trabalho e renda, as relações focadas na produção, distribuição, comercialização, relações de troca e numa nova dimensão de cidadania, gerando em toda a história um impacto no comportamento educacional e social das pessoas.

De acordo com Pereira (1979), o artesanato pode ser feito em qualquer lugar e em qualquer tempo. Além disso, o artesanato tem o dom de proporcionar mais emprego e produção como menos dispêndio de capital e, por esta razão, se torna um importante fator de fomento tanto social como econômico. Dessa forma, o artesanato significa uma via para o desenvolvimento de uma localidade através da demanda do mercado, da geração de ocupação de renda e do aproveitamento dos recursos naturais de forma equilibrada.

Como materialização da forma de viver de um povo, o artesanato

constitui-se também, em um objeto de pesquisa sociológica, pelo fato de ser uma técnica passada de pai para filho, ou ainda, por representar o sentimento de identidade, de pertença dos indivíduos e de herança sociocultural.

A atividade artesanal permite a continuidade dos hábitos culturais de um povo. Por isso, Lima (2005) chama a atenção para a questão que envolve a conservação da produção artesanal destacando que existe uma corrente de pensadores que preconiza a idéia da conservação do objeto nas condições em que foi produzido, por entender que ele é testemunho de um passado a ser preservado.

A atividade artesanal é bastante rica, diversificada e composta de muitas pessoas que se envolvem no processo. Em qualquer parte do Brasil, se depara com algum tipo de arte diferente, desenvolvida por um grupo de pessoas ou muitas vezes, por toda a comunidade. A diferença do artesanato em determinado território está na forma de concepção, produção dos objetos, destinação e significação, seguindo a interpretação da cultura e da história local, favorecida pela utilização de matéria-prima disponível na região. Esses artesanatos configuram realidades distintas e visões de mundo próprias dos indivíduos e das comunidades que lhes dão concretude (LIMA, 1996).

O fazer artesanal acontece para preencher a necessidade diária das pessoas, através do artesanato utilitário e como atividade econômica, da qual muitas pessoas tiram seu sustento. Rotinas como essas, fazem com que a cultura artesanal se mantenha viva e haja em certos casos, o desenvolvimento da atividade. Por isso, é importante destacar que esse setor merece uma política que seja capaz de promover mudanças para as comunidades que sobrevivem, exclusivamente, do fazer artesanal.

A Bahia, especificamente, apresenta uma riqueza artesanal, diversificada e difundida tanto na-

cional como internacionalmente. A produção do artesanato no estado apresenta tipologias que podem ser expressas de acordo com a matéria-prima empregada, técnicas de fabricação, características de consumo e escoamento das peças.

3.1 O artesanato no Vale do São Francisco: um olhar para as “carrancas”

Segundo Maynard (2009), o Vale do São Francisco é uma das regiões mais ricas deste país, no que se refere ao artesanato. Pessoas comuns que utilizam as mãos e algum instrumento como extensão dos dedos para confeccionar peças de uso decorativo e utilitário, fazem-se presentes às margens do rio.

Oficinas caseiras exibem mestres, oficiais e aprendizes nas mais diversas atividades: artigos para decoração, produção de mobiliário doméstico, instrumentos musicais, de trabalho e de transporte, objetos de lazer, imagens sacras, entre outros.

O artesanato relaciona-se com os recursos naturais existentes e decorre, prioritariamente, da relação entre o homem e o meio, refletindo nesse sentido, o sistema de vida adotado pelos moradores do lugar ou região.

Na maestria de confeccionar objetos utilizando recursos naturais da região, esses artesãos, ao longo do rio, conseguem explorar e extrapolar sua criatividade a fim de desenvolver diferentes modelos de peças artesanais.

Em Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), a predominância da arte é uma realidade. As carrancas, por exemplo, significam um símbolo da região, jamais visto em outro lugar. Demonstrando a tradição, crenças, identidade e história das comunidades ribeirinhas.

3.1.1 As carrancas

Juntamente com Juazeiro, Petrolina constitui o pólo das “carrancas”, figuras do artesanato regional, metade homem metade animal, que acompanhavam antigas embar-

cações do São Francisco, visando protegê-las dos maus espíritos das águas, principalmente do lendário Caboclo D’Água, conhecido pelos ribeirinhos como Nêgo Traquino, virador de canoas.

Essas “carrancas”, como ficaram conhecidas, expressam a identidade do vale, transformando-se em símbolo regional, além de representar umas das mais expressivas manifestações da arte popular brasileira. As produções acontecem às margens do rio de forma comercial, porém tímidas, como artesanato típico.

De acordo com Moreira (2006), o termo carranca significa cara feia ou disforme e como carrancas ficaram conhecidas, também, como figuras de proa ou cabeças das barcas utilizadas na região do médio Rio São Francisco. São feitas de um único tronco de madeira e retratam apenas a cabeça e o pescoço de alguma figura mitológica.

A criação e produção das carrancas foram estudadas pelo professor e pesquisador Paulo Pardal (ex-professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Segundo o pesquisador, essas peças artesanais não são encontradas em nenhuma outra região. “Surgiram na segunda metade do século XIX, no trecho navegável do rio São Francisco, que ia de Pirapora – Minas Gerais até Juazeiro da Bahia e permaneceram até meados do século XX” (MOREIRA, 2006, p. 20).

Hoje, as carrancas já não fazem mais parte das embarcações dos pescadores locais, mas permanecem no imaginário coletivo. As carrancas produzidas em madeira ou em barro tiveram maior representatividade no passado. Entretanto, de acordo com Moreira (2006), em pleno século XXI, o consumo deste tipo de representação cultural ainda permanece, mesmo que oscilante. Na realidade, o auge das vendas de carrancas aconteceu na década de 1970, quando essa arte era produzida em larga escala como símbolo da região.

Nos dias atuais, as carrancas são confeccionadas com diversos tipos

de materiais, que vão desde a madeira até o mármore, variando igualmente o tamanho das peças. As maiores são destinadas aos acervos de museus, repartições públicas ou mesmo colecionadores individuais, e as pequenas, como *souvenir* aos turistas que visitam a região. A figura das carrancas também está presente estampada em camisetas, cinzeiros, canetas, chaveiro, entre outros.

Nessas localidades pode-se observar, também, a técnica ser transmitida de geração para geração através do aprender fazendo.

Quem visita Juazeiro e Petrolina sempre busca as lojas de artesanato da região. Porém, mesmo com a infinidade de exposições, sempre há quem busque os escultores considerados artistas notórios, como Ana Leopoldina dos Santos – a Ana das Carrancas, também conhecida como “Dama de Barro”, recentemente falecida, mas tendo a filha como substituta, e Gabriel Pereira Filho – o Biu Carranqueiro.

Além das carrancas, na cidade de Petrolina (PE), outra atração do artesanato que ganha evidência, são os trabalhos feitos por outro artista: Roque Gomes Rocha – o Roque Santeiro – que tem experiência há mais de vinte e três anos na arte de esculpir madeiras, dando forma a anjos, mulheres sensuais e imagens sacras.

Ao realizar uma análise sobre a produção artesanal nas cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), é importante mencionar dois aspectos conforme aponta Souza; Caldas (2008): o primeiro deles se refere à produção em massa desses artigos de madeira que no passado eram feitos em pequena escala, e ao longo do tempo passou por uma transformação e vieram a ser produzidos em grande quantidade como um elemento de atração turística. E, o segundo fator que merece ressalva se relaciona aos preços considerados altos para a realidade brasileira (a partir de R\$ 400,00, as peças maiores).

Nesse sentido, a fim de ajudar e apoiar os artesãos que sobrevivem

dessa arte e contribuem para a manutenção da cultura popular brasileira foi criado em Juazeiro, a Casa do Artesão no ano de 2010. Tal proposta visa contribuir para o fomento do Turismo na região. Além de Juazeiro, Petrolina também oferece aos artesãos a Oficina do Artesão, cuja proposta se assemelha ao de Juazeiro.

Embora, a produção do artesanato seja uma forma de subsistência de muitas famílias, há por parte desses artesãos, uma certa insatisfação com relação a atividade. Conforme pontua Moreira (2006) que realizou entrevista com muitos profissionais de Juazeiro e Petrolina, os mesmos relatam que os atravessadores e lojistas querem pagar um preço irrisório pelas peças (carrancas), gerando assim, uma desvalorização do profissional e, por que não dizer, da arte. Também, outra reclamação se direciona ao poder público municipal que já não incentiva tanto a produção. Falta uma maior divulgação.

A esperança por parte desses escultores acontece em dois momentos: primeiro, através da exposição em feiras e eventos e, segundo, no desenvolvimento do turismo, já que esse contribui bastante para o crescimento das vendas e auxilia na divulgação da cultural local.

No contexto atual, a agricultura irrigada vem contribuindo também, para a prática do Enoturismo. Nesse sentido, já estão acontecendo investimentos e incrementado no Vale do São Francisco, especialmente na Rota do Vinho. Além dos vinhedos, a região do “Velho Chico” é composta de inúmeros atrativos naturais e gastronômicos.

Diante do exposto, conclui-se que tais elementos só fazem contribuir para o aumento da produção artesanal. Haja vista que, com o turismo em desenvolvimento, o mesmo ajuda na preservação da arte secular. Isto é, artesanato e atividade turística caminham lado a lado. Assim, não podemos deixar de citar que, a arte produzida em Juazeiro e Petrolina significa o patrimônio, os

símbolos folclóricos e a identidade de sua região.

4 O artesanato no contexto socioeconômico

Na extensão econômica, a produção artesanal surge como um mister para a sobrevivência e como uma oportunidade para estimular o surgimento de elementos não convencionais de participação produtiva. Neste quesito, quando bem articulado, esta atividade promove a adesão de grupos e elementos ainda não absorvidos pelas correntes dominantes na geração de ocupação e renda.

De acordo com relatos de Parente (1994) citado por Carvalho (2001), o artesanato contribui para que as atividades econômicas de caráter tradicional se solidifiquem e revitalizem, compondo uma estratégia de ocupação intensiva de mão-de-obra, dinamização de mercados locais, conservação de valores culturais, regionais e nacionais, que contribuem na produção de identidades em escala internacional. Assim, o artesanato exerce função ainda como uma ferramenta de ocupação produtiva, gerando renda, firmando o homem no campo, evadindo o êxodo rural, fortalecendo a troca de culturas entre as nações e conservando o meio ambiente.

Na análise de D’Ávila (1983, p. 167), a produção artesanal significa a “junta elástica mais viável em curto prazo, a baixo custo e com as próprias mãos, de uma imensa parcela das populações dos países em desenvolvimento, como por exemplo, o Brasil”.

Além disso, D’Ávila (1983) destaca também que, no atual sistema capitalista nem o artesão nem o industrial trabalham, em primeira instância, em função de fatores sociais ou culturais, mas principalmente em função do lucro e da rentabilidade, sem os quais eles não teriam condição de manter regularidade nas suas produções.

Na verdade como argumenta o referido autor (1983, p.167) “a necessidade de sobrevivência é, na maio-

ria das vezes, mais forte que as aspirações de beleza e outros fatores transcendentais, quando as exigências primárias não são sistematicamente atendidas”.

Já Pereira (1979) explica que a produção artesanal implica em produção com menos gasto de capital, tornando-se, em um importante mecanismo de desenvolvimento social e econômico.

Todavia, embora a atividade artesanal signifique um caminho para a inclusão social e para a oportunidade de emprego de forma rápida, implicando em poucos custos, é necessário investir na sua melhoria, na melhoria das condições de trabalho e no atrelamento do artesão às informações de mercado e informações econômicas, que rodeiam o seu universo produtivo.

Desse modo, os métodos, político e econômico, que vigoram têm aplicado investimento na apropriação e difusão de tais circunstâncias tradicionais. Estas também têm sido admitidas como objetivos de promoção da inclusão produtiva, como uma maneira de responder às necessidades de estabelecer direitos de cidadania, particularmente o direito de ter parte dos benefícios da economia.

De modo geral, tais considerações, relatam o artesanato como um setor da economia que movimentam os fluxos econômicos, além de favorecer as relações sociais de uma comunidade.

5 Considerações Finais

Julga-se importante esclarecer que, considerando as limitações para a realização deste estudo e, em função da impossibilidade de realizar uma conclusão definitiva sobre a temática da produção artesanal no contexto de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), situados no Submédio São Francisco salienta-se que as notas parciais apresentadas referem-se aos resultados da Pesquisa Rio São Francisco: cultura, identidade e desenvolvimento realizada através do convê-

nio assinado entre a UNIFACS, o Albright College e o Programa Companheiros das Américas Comitê Bahia / Pennsylvania.

Após a análise dos dados adicionais e das informações provenientes das pesquisas bibliográficas foi possível estabelecer algumas relações sobre a situação da produção artesanal de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE).

Embora a produção artesanal seja uma forma de sobrevivência de muitas comunidades brasileiras, em tais localidades, essa produção ainda acontece de forma incipiente, sem de fato contribuir para a geração de emprego e renda, acontecendo como forma de subsistência.

Também, foi evidenciado que, da mesma forma que persiste o problema de uma definição clara sobre o que venha significar o termo artesanato, um ponto salientado por Noelio Spinola (2006), que merece atenção e está presente no estado da Bahia; refere-se à falta de dados precisos e consistentes sobre o setor. Conforme aponta o autor, “falta um diagnóstico confiável e atualizado sobre esse segmento” (SPINOLA, 2006, p. 110).

O trabalho artesanal significa uma atividade intensamente ocupadora de mão-de-obra no Nordeste, representa uma ocupação secundária e complementar para quem o executa. A cadeia de atravessadores, além do mais, que se estende do produtor até o cliente, contribui para diminuir o pequeno lucro do artesão. O criador de riqueza passa a ser, então, o que menos a usufrui. Para valer a pena, do ponto de vista econômico, a produção artesanal necessita de tornar uma atividade de mercado, deixando de ser, apenas, uma simples atividade de subsistência.

Assim, partindo da premissa de que todo problema traz em si uma solução e resgatando o pressuposto assumido por esta pesquisa, considera-se que a atividade artesanal reúne condições culturais e sociais capazes de contribuir para a melhoria da condição de vida das famílias que

trabalham com a produção do artesanato. Porém, para que isso se torne uma realidade, algumas medidas precisam ser tomadas a fim de reverter o quadro ora apresentado.

Primeiro, como ponto de partida é necessário uma maior articulação entre os órgãos públicos no sentido de criar políticas públicas efetivas para que os atores locais possam ser incentivados e valorizados enquanto artistas/artesãos que continuam a preservar uma arte, genuinamente, secular.

Além disso, acredita-se que o desenvolvimento de uma localidade acontece quando as relações entre o capital social, o capital humano e o capital institucional e o poder público estão articulados. Por isso, esses elementos são instrumentos que podem auxiliar na transformação e mudança de forma positiva de um local e/ou território. Além da integração de tais elementos, é necessário o incremento contínuo em capital humano através do investimento no conhecimento, o capital institucional – mediante as parcerias com outras instituições e o capital social – por meio do nível de confiança e cooperação, de modo a favorecer melhores condições tanto no aspecto econômico, mas, principalmente no âmbito social. Pois, acredita-se que o desenvolvimento se dá através do fortalecimento das capacidades das pessoas e dos recursos da comunidade.

Como visto, segundo depoimentos de muitos dos estudiosos citados neste artigo, o artesanato não pode ser apenas uma forma dos trabalhadores tirarem seu sustento, isto é, uma alternativa de sobrevivência, mas uma ‘arte’, uma ‘arte popular’, a ser preservada em suas formas mais ‘puras’. Embora em certas localidades, muitas famílias sobrevivam através desse ofício, o artesanato representa uma via para a qual o indivíduo possa preservar a sua tradição.

A partir do momento que a preservação da arte, enquanto fenômeno cultural for estimulado, as pes-

soas envolvidas terão maiores oportunidades de divulgar e resguardar sua tradição, além de se tornarem os principais promotores do seu próprio desenvolvimento, beneficiando não só a localidade da qual fazem parte, bem como, a região na qual estão inseridos.

Como as localidades apresentam o Turismo como uma atividade econômica é válido mencionar que o mesmo é um elemento que tem a potencialidade de contribuir para a preservação das culturas locais. Assim, estimular o desenvolvimento do artesanato e do turismo, principalmente nessas localidades, significam abrir possibilidades de diminuição das desigualdades sociais.

Em seus limites, este trabalho visa contribuir para a discussão de um tema relevante: a implementação de políticas públicas que reforcem a identidade cultural de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE) ao invés de descaracterizá-la. Nessa perspectiva, poderá ser pensado e viabilizado o desenvolvimento da região — o que, por si só, já justifica um estudo mais aprofundado do tema em questão.

À luz das considerações precedentes, o presente artigo permitiu a seguinte reflexão: a produção artesanal, além de constituir um importante atrativo turístico para a região na qual se situa, também pode significar uma referência econômica, histórica e cultural para a comunidade local. Assim, além de gerar renda, a atividade ajuda a preservar as tradições locais e a fortalecer o sentimento de pertencimento.

Portanto, esta análise não objetiva se tornar um produto acabado, nem esgotar a discussão sobre a temática, mas a sua finalidade é se tornar um ponto de partida para novos debates e descobertas em torno da luta dos ribeirinhos de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE) em atingir a sua sobrevivência e preservar a sua tradição. A partir da construção desse novo cenário, as chances de melhoria das condições de vida dessas comunidades se tornarão mais evidentes.

Referências

BAHIA. **Bacias Hidrográficas**. Edição Atualizada. Salvador: SRH, 2006.

_____. Instituto Visconde de Mauá. **Artesanato Baiano** [Salvador], 2001.

BRASIL, V. M. **Escultura popular do médio São Francisco** - As carrancas no cotidiano ribeirinho. Revista *Múltipla*, Brasília, 9(17): 75 – 84, dezembro – 2004.

CARVALHO, Heidi Cristina Buzato de. **Artesanato de Caixeta em São Sebastião – SP**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ/USP, Piracicaba, 2001.

D'ÁVILA, José Silvestre. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In: RIBEIRO, Berta (Org.). **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983. p. 167 – 188.

FILHO, J. V. C. **A Dinâmica, Política, Econômica e Social do Rio São Francisco e do seu Vale**. Revista do Departamento de Geografia, 17 (2005) 83-93.

LIMA, Ricardo Gomes. Artesanato: cinco pontos para discussão. In: **Olhares itinerantes**: reflexões sobre artesanato e consumo da tradição. São Paulo: Central Arte Sol, 2005. p. 13-26.

_____. **Louça da perfeição**: a cerâmica baiana do município de Barra. Rio de Janeiro: Funarte, CFCP, 1996. (Sala do Artista Popular, 67). Catálogo da exposição.

MARINHO, Heliana. **Artesanato**: tendências do segmento e oportunidades de negócios, 2007. Disponível em www.biblioteca.sebrae.com.br - Acesso em 12 de fevereiro de 2008.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL (MI). **Rio São Francisco**. Disponível em: <<http://www.integracao.gov.br/saofrancisco/rio/index.asp>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

MIRANDOLA, Norma Simão. **Arte e artesanato folclórico**. Caderno de folclore nº 10. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Culturais. Fundação Nacional de Arte, 1976.

MOREIRA, Sérgio. **Bordados em Tauá**: cerâmica de Rio Real. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2001.

MOREIRA, Elisabet Gonçalves. **Carrancas do sertão**: signos de ontem e de hoje. Petrolina: SESC/PE, 2006.

PEREIRA, Carlos José da Costa. **O artesanato na Bahia**: fundamentos para o estudo da atividade artesanal em face dos fatores que o condicionam ou influenciam. Salvador: SENAI, [195?]

_____. **Artesanato**: definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho; o programa nacional de desenvolvimento do artesanato. Brasília: MTB, 1979. 153p.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável**: o caleidoscópio da cultura. Barueri, SP: Manole, 2007.

SOUZA, Chelly Costa. **A atividade oleira artesanal como instrumento de desenvolvimento para o distrito de Maragogipinho – Bahia**. 260 f. Dissertação. (Mestrado em Análise Regional e Urbano) – Universidade Salvador – UNIFACS, Salvador, 2008.

SOUZA, Regina Celeste de Almeida; CALDAS, Alcides dos Santos. **Viagem ao São Francisco**. Salvador: UNIFACS, 2008.

SPINOLA, Carolina de Andrade. O ecoturismo, o desenvolvimento local e a conservação da natureza em espaços naturais em espaços naturais protegidos: objetivos conflitantes? **Revista de Desenvolvimento Econômico - RDE**. Salvador, v. 13, p. 50 – 59, 2006.

VIVES, Vera de. A beleza do cotidiano. In: RIBEIRO, Berta (Org.). **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983. p. 133 – 149.